

DOS PROCESSOS INDIVIDUAIS À CRIAÇÃO COMPARTILHADA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O PERCURSO CRIATIVO COLABORATIVO

Thaís Martini Almeida (PIC/UEM), Martha Dias da Cruz Leite (Orientadora), e-mail: mdcleite@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do CNPq/CAPES: Linguística, Letras e Artes; Teatro.

Palavras-chave: teatro, processo criativo, pedagogia do teatro.

Resumo:

A presente pesquisa tem como objetivo investigar de que forma os processos individuais de criação em Artes Cênicas se conectam e organizam-se na busca por uma composição de autoria compartilhada. Para tanto, teve como objeto de estudo o processo criativo do espetáculo *Número Zero*. Através da fricção entre o referencial teórico e os resultados das experimentações cênicas foi possível perceber que o processo de criação não ocorreu por meio de um discurso cênico unificado, mas sim, por uma pluralidade de vozes organizadas, tendo como resultado uma dramaturgia fragmentada que estimulou e permitiu a exposição desta pluralidade.

Introdução

Em abril de 2019, cerca de dezoito alunos deram início a um processo de criação desenvolvido por meio do curso de extensão *Processos de Criação Compartilhada: exercício de construção coletiva de uma obra cênica*. O curso tinha como objetivo proporcionar ao aluno a experiência de um processo de montagem teatral em que ele teria a oportunidade de compor, em conjunto com os demais integrantes e a Orientadora, a dramaturgia de um espetáculo de teatro, dando origem a obra teatral *Número Zero*, que estreou no Teatro da UEM realizando duas apresentações.

É sobre esse processo criativo que a presente pesquisa se debruçou. Tendo como ponto de partida a pergunta central “como os processos individuais de criação em Artes Cênicas se conectam e organizam-se na busca por uma composição de autoria compartilhada?”, a pesquisa tomou como objeto de estudo o processo criativo da obra teatral *Número Zero*.

A pesquisa contemplou uma abordagem teórica sobre os conceitos de *criação compartilhada* - modo de pesquisa e criação empregado pelo grupo na composição da obra - e de *autoria plural*, termo cunhado pela pesquisadora Rosyane Trotta. Em seguida, realizou uma descrição do processo e suas etapas de criação, identificando a metodologia e procedimentos utilizados, com o intuito de analisá-los visando reconhecer tantos os modos de produção criativos individuais quanto as formas de síntese encontradas pelo grupo e pela diretora dos materiais artísticos gerados ao longo do processo de criação do espetáculo. Ao fim, a pesquisa pode tecer reflexões

sobre as possibilidades pedagógicas que este modo de criação contempla e de que forma elas podem contribuir para a formação do artista-docente.

Revisão de Literatura

A pesquisa se estruturou em duas etapas: primeira, revisão bibliográfica para fundamentar e localizar conceitualmente o processo de *criação compartilhada*; segunda, participação como artista-criadora do processo de criação do espetáculo. A revisão teórica se debruçou sobre os conceitos de *criação coletiva* e *processo colaborativo*, principalmente a partir dos estudos dos seguintes autores: NICOLETTE, 2002; FISCHER, 2003 e ARAÚJO, 2009; e sobre a ideia de *autoria plural*, termo cunhado pela pesquisadora Rosyane Trotta (2006). Na segunda parte da pesquisa, a autora descreveu o processo criativo e suas etapas, identificando a metodologia utilizada e efetuando uma análise que visou reconhecer tanto os modos de produção criativos individuais quanto as formas de síntese dos materiais artísticos na objetivação do espetáculo. As conclusões obtidas pela pesquisa foram resultantes da fricção entre o referencial teórico e os resultados das experimentações cênicas.

Resultados e Discussão

Fundamentada no conceito de *autoria plural* nasce o que chamamos de *criação compartilhada*, modo de criação em teatro que se configura com o objetivo de gerar um espetáculo de autoria pluralizada, e que se constituiu como o modo criativo empregado no processo de construção da peça *Número Zero*. Nesse tipo de processo criativo, o resultado produzido é uma obra cuja autoria não está centralizada na figura do diretor ou de um dramaturgo, e sim compartilhada entre os integrantes do grupo. Em tal abordagem, a configuração da autoria do espetáculo se dá, portanto, a partir da autonomia dos discursos artísticos que se configuram em uma pluralidade de vozes organizadas e inter-relacionadas por um diretor.

Conforme identificou a pesquisadora, o processo de criação do espetáculo foi dividido em seis etapas: reconhecimento e criação do espírito de grupo; levantamento de focos temáticos de interesse comum; pesquisa temática; criação da dramaturgia de base; finalização da dramaturgia e formalização da obra; apresentação. Na busca por respostas de como os processos individuais de criação nas artes da cena se conectam e organizam-se na busca por uma composição de autoria compartilhada, através da experiência prática e análise da criação de *Número Zero*, pudemos notar que uma das principais dificuldades encontradas pelo grupo teve relação com o tipo de demanda e de responsabilidade que uma abordagem como essa solicita, e sem a qual não é possível a concretização do trabalho cênico. Esse desconforto também foi potencializado pelo fato de que predominou uma dinâmica mais vagarosa em determinados momentos do processo, como, por exemplo, durante a etapa de criação da dramaturgia de base. “Por outro lado, é muito difícil o amadurecimento de um discurso coletivo, de forma orgânica e consciente, sem ser por essa via.” (ARAÚJO, 2009, p.50).

Em nossa pesquisa, adotamos o termo **frustração** para descrever o sentimento de decepção quanto às expectativas criadas em nosso processo criativo e que foram rompidas e algum momento, tanto individualmente quanto coletivamente. Entretanto,

Antônio Araújo, que atribui para este fenômeno o termo crise, ressalta que isto significa “não apenas (...) uma consequência à qual o grupo está necessariamente fadado, mas (...) um mecanismo implícito e impulsionador em processos desta natureza” (ARAÚJO, 2009, p.50), portanto, algo habitual e esperado em processos de *criação compartilhada*.

Esta frustração se deu em face da expectativa de um processo **prático**, no sentido de desempenho desejante por tarefas fáceis, que não demande tanto tempo ou desgaste físico e mental. Trata-se do desejo pelo que é **confortável**, pela busca pelo caminho mais descomplicado, que em teatro, na maioria das vezes (senão em todas), não se trata de uma boa escolha. Como esses anseios não foram correspondidos, as cobranças se tornaram cada vez mais incômodas, sejam elas vindas da professora-diretora, de outros alunos-atores e até mesmo quando havia a falta de cobranças por parte desses agentes. Tais cobranças estavam diretamente relacionadas com a **responsabilidade individual e coletiva**, pois, um processo de criação teatral compartilhada nos pede uma responsabilidade dividida entre todos os integrantes, no sentido de um real envolvimento na sua criação, tal que se constrói ao longo do processo.

Pelo fato de *Número Zero* ter sido construída por meio de uma **dramaturgia pluralizada**, elaborada através das inquietações individuais de cada um e reunidas em grupos temáticos relacionados, mas não unificados - pois buscamos abranger todas as pautas sem anulá-las -, a nossa peça obteve uma “estrutura de espetáculo mais aberta e fragmentada, sem forte relação causal. O espetáculo parece uma colagem de esquetes monológicos, algo como uma colcha de retalhos” (ARY, 2011, p.82). Apesar da fragmentação resultante de tal pluralidade que se apresenta no resultado dramático final, mostrou-se fundamental a descoberta do que chamamos de um **sentido em comum**, elemento responsável pelo elo unificador das proposições cênicas que ao mesmo tempo conecta, sem fundir em um todo indivisível, tantas pluralidades.

Conclusões

Através da análise do processo de criação e montagem de *Número Zero*, foi possível perceber que cada artista constrói sua marca e suas características cênicas a partir de suas experiências pessoais e artísticas. Esta, por mais que seja vasta, possui um ponto de vista único, individual, e por mais que sua manifestação artística possua um discurso potente que abarque diversas temáticas ela está segmentada a apenas um recorte pessoal. Reunir diversas vozes com pontos de vistas diferentes no encontro de um **sentido em comum** faz com que o discurso cênico se torne altamente potente, pois se volta para um mesmo objeto de análise, exposto na perspectiva de inúmeros pontos de vista. Desta forma, cabe aos artistas envolvidos primeiramente se constituírem como grupo, para que possam, posteriormente, descobrir e compreender tal sentido em comum.

Foi possível notar que as principais dificuldades para reunir os processos de criações individuais em uma composição cênica de autoria plural advieram da relação, por vezes conflituosa, entre as atitudes individuais frente às necessidades coletivas do processo. Portanto, só foi possível o surgimento de um novo olhar para tais questões através de uma metodologia e proposta pedagógica que, ao mesmo tempo em que reforçava a pluralidade e gerava espaços de manifestação de

individualidades, expunha, por outro, a absoluta necessidade de um comprometimento com uma ação coletiva.

Agradecimentos

Agradeço ao Departamento de Música e Artes Cênicas e a DEX (Diretoria de Extensão) pelo fomento da pesquisa e extensão na Universidade Estadual de Maringá, à segunda autora, Débora Corrêa da Silva, que contribuiu para a finalização desta Pesquisa de iniciação científica, e à minha orientadora Martha Dias da Cruz Leite por todo apoio durante a pesquisa.

Referências

ARAÚJO, A. O Processo Colaborativo como Modo de Criação. **Revista Olhares**, n.01, p. 48 a 51, 2009.

ARY, R. L. M. **A função dramaturgia no processo colaborativo**. 2011. Dissertação – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

FISCHER, S. R. **Processo colaborativo: experiências de companhias teatrais brasileiras nos anos 90**. Dissertação (Mestrado). Campinas: Instituto de Arte da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

NICOLETE, A. Criação coletiva e processo colaborativo: algumas semelhanças e diferenças no trabalho dramático. **Revista Sala Preta**, São Paulo, v. 2, p. 318-325, 26 nov 2002.

TROTTA, R. Autoralidade, grupo e encenação. **Revista Sala Preta**, São Paulo, v. 6, p. 155-164, 28 nov. 2006.